

ARTIGOS CIENTÍFICOS -

MÚSICA EM GERAL

Materiais didáticos para o ensino coletivo de violão: questionamentos sobre métodos

Fábio Amaral da Silva Sá (Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil)
amaralmusic@hotmail.com

Eliane Leão (Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil)
elianewi2001@gmail.com

Resumo: O objetivo deste texto é analisar os materiais didáticos publicados no Brasil elaborados para o ensino coletivo de violão e identificar quais dentre eles poderiam ser designados como método. Foi utilizada a revisão bibliográfica como metodologia de pesquisa. Na primeira parte realiza-se uma reflexão sobre a utilização dos termos ensino em grupo e ensino coletivo. A segunda é voltada a compreender a origem do ensino coletivo de instrumentos musicais, seguida por um breve histórico das práticas de ensino coletivo de violão no Brasil. Logo após, realiza-se uma discussão sobre o conceito de método e uma análise comparativa dos materiais didáticos elaborados para o ensino coletivo de violão. A análise dos materiais didáticos revelou que nenhum deles contempla em sua plenitude a designação do conceito de método.

Palavras-chave: Método; Materiais didáticos; Ensino coletivo; Ensino em grupo; Violão.

Teaching materials for the collective teaching guitar: questions about methods

Abstract: The aim of this paper is to analyze the teaching materials published in Brazil prepared for the collective teaching guitar and identify which of them could be called as a method. It used the literature review and research methodology. In the first part is held to reflect on the use of the words teaching in groups and collective education. The second is aimed at understanding the origin of collective teaching musical instruments, followed by a brief history of collective teaching practices guitar in Brazil. Soon after, there are a discussion of the concept of method and a comparative analysis of teaching materials prepared for the collective teaching guitar. Analysis of teaching materials revealed that none of them includes in its fullness the name of the concept of method.

Keywords: Method; Educational materials; public education; Group education; Guitar.

Materiales didáticos para la enseñanza colectiva de la guitarra: preguntas acerca de los métodos

Resumen: El objetivo de este trabajo es analizar los materiales didáticos publicados en Brasil preparado para la enseñanza colectiva de la guitarra e identificar cuál de ellos podría ser llamado como método. Se utilizó la revisión de la literatura y la metodología de la investigación. En la primera parte se celebrará a reflexionar sobre el uso de las palabras que enseñan en grupos y la educación colectiva. El segundo está dirigido a comprender el origen de los instrumentos musicales de enseñanza colectiva, seguido de una breve historia de la guitarra colectiva prácticas de enseñanza en Brasil. Poco después, habrá una discusión sobre el concepto de método y un análisis comparativo de los materiales didáticos elaborados para la enseñanza colectiva de la guitarra. Análisis de materiales didáticos reveló que ninguno de ellos se incluye en su plenitud el nombre del concepto de método.

Palabras clave: Método; Los materiales educativos; enseñanza colectiva; La educación en grupo; Guitarra.

Introdução

A primeira experiência relatada e documentada de um curso de ensino coletivo de violão no Brasil remete ao ano de 1989, quando foi criada a primeira turma com quase 30 alunos no curso de extensão da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Percebe-se que essa modalidade de ensino através do violão é relativamente nova e que a mesma necessita se consolidar tanto na utilização de conceitos teóricos como na sistematização e disponibilização de métodos e materiais didáticos que contribuam com essa nova prática de ensino.

Observa-se que em vários contextos de ensino coletivo de violão, professores utilizam adaptações de materiais, métodos e arranjos escritos para outros instrumentos, o que revela uma carência de materiais didáticos que contemplem as diversas fases de aprendizagem. Essa prática de adaptações comum no ensino coletivo de violão, não ocorre com frequ-

ência por exemplo na área do ensino do piano em grupo, que já possui vários métodos publicados no Brasil e principalmente nos Estados Unidos (SANTOS, 2013).

Uma outra questão, é a falta de consenso sobre o uso do termo método. O conceito de *método* no campo da educação apresenta diferentes concepções e que não se restringem a uma simples mistura de procedimentos e técnicas para se atingir sempre os mesmos resultados (BRU, 2008). No campo da música, o termo é empregado tanto com o objetivo de designar os materiais didáticos usados para o ensino de instrumento, como para designar os procedimentos utilizados para se atingir os objetivos propostos (REYS; GARBOSA, 2010).

Assim, o objetivo deste artigo¹ é analisar os materiais didáticos publicados no Brasil elaborados para a iniciação musical através do ensino coletivo de violão: Brazil (2012), Machado (2002a, 2002b, 2002c), Machado (2007), Tourinho e Barreto (2003), Weizmann (2003). Busca-se identificar as características gerais desses materiais, listar os conteúdos trabalhados em cada um e identificar quais dentre eles poderiam ser designados como método de ensino coletivo de violão. Para tais finalidades, a metodologia utilizada consiste na revisão bibliográfica.

Como há autores da temática que utilizam o termo *ensino coletivo* e outros *ensino em grupo*, a primeira parte deste texto dedica-se a reflexão conceitual sobre o significado dos referidos termos. Busca-se compreender se há conceituações teóricas que orientem os autores a adotarem uma ou outra terminologia.

A segunda parte do texto é voltada a compreender a origem do ensino coletivo de instrumentos musicais, seguida por um breve histórico das práticas de ensino de violão realizadas nessa modalidade no Brasil. Logo após, realiza-se uma discussão sobre o conceito de método a partir dos campos da filosofia, da educação e da música. Por fim, realiza-se a análise comparativa de cinco materiais didáticos elaborados para o ensino coletivo de violão, de autores brasileiros e as considerações finais.

1. Reflexões sobre o uso dos termos: ensino coletivo e ensino em grupo

A partir da análise de trabalhos publicados sobre o ensino coletivo de instrumentos musicais no Brasil, em anais de eventos, dissertações, teses e periódicos, como por exemplo: Barbosa (1996), Braga (2009), Costa e Aguiar (2008), Cruvinel (2003), Galindo (2000), Leme (2012), Oliveira, E. A. J. de (1998), Oliveira, P. A. D. de (2010), Tourinho (1995), foi possível constatar a utilização de duas terminologias principais para designar as práticas e as pesquisas sobre o tema: *ensino coletivo* e *ensino em grupo*. No entanto, considera-se que não há um consenso quanto ao uso dos termos por parte dos autores.

Além disso, verificou-se que não existe uma definição clara, pautada em reflexões teóricas sobre o significado que oriente o emprego de cada conceito.

Constatou-se que o termo *ensino em grupo* é utilizado com mais frequência entre os autores ligados a prática do ensino do piano como: Costa e Aguiar (2008), Montandon e Scarambone (2012), Reinoso (2012) e Videira (2011). Em relação ao termo *ensino coletivo*, sua utilização é mais frequente entre os pesquisadores ligados ao ensino de violão, sopros, bandas de música e ensino de instrumentos de cordas com arco como: Barbosa (1996), Braga (2009), Cruvinel (2005), Galindo (2000), Leme (2012), Oliveira, E. A. J. de (1998), Tourinho (2003) e Silva (2014).

A professora Maria Isabel Montandon (UnB) em todas as suas publicações utiliza o termo *em grupo*, possivelmente por ter sido o primeiro termo utilizado no início do sécu-

lo XIX, para designar as primeiras experiências dessa modalidade de ensino realizadas por meio do piano na Europa (MONTANDON, 1992).

Galindo (2000), apesar de utilizar no título de sua dissertação o termo *ensino coletivo*, no corpo do texto utiliza os dois termos, *ensino coletivo* e *ensino em grupo*, como se fossem sinônimos.

Nas publicações de Ana Cristina Tourinho (UFBA), observa-se também uma mudança do uso de terminologias. Na década de 1990, Tourinho (1995) utilizava o termo *em grupo*, no entanto, a partir de 2003, os textos encontrados da autora passaram a utilizar o termo *ensino coletivo* referindo-se ao mesmo tipo de prática de ensino realizada nos anos noventa.

A falta de conceituação teórica que oriente o emprego de uma ou de outra terminologia foi assinalado por Montandon (2004) no primeiro Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical, realizado na cidade de Goiânia, em 2004.

Para a autora, as definições do que seja *ensino em grupo* ou *ensino coletivo* “[...] são particulares e múltiplas, podendo se referir a diferentes objetivos, formatos, metodologias e população alvo.” (MONTANDON, 2004, p. 47).

No entendimento de Montandon (2004), uma aula de instrumento musical que “[...] coloca vários alunos juntos (muitas vezes para economizar tempo), com um tocando determinado repertório padrão enquanto os outros escutam não é ‘ensino em grupo’ ou ‘aprendizagem em grupo’, mas aulas individuais dadas em grupo.” (Ibid., p. 47). Sobre essa modalidade classificada como *master-class*, Braga e Tourinho (2013) também acreditam que a mesma não possa ser designada como *ensino coletivo*, mas sim, ser utilizada como parte integrante das aulas coletivas.

Na opinião das autoras,

[...] a essência do ensino coletivo de violão acontece quando existe um professor que trabalha com diversos indivíduos no mesmo espaço físico, horário, e que várias pessoas aprendem conjuntamente a tocar a mesma peça, na maioria das vezes, repertório solo. (BRAGA; TOURINHO, 2013, p. 148).

Oliveira, P. A. D. de (2010), ao tratar da questão, apresenta as seguintes definições:

O **ensino de instrumentos em grupo** é aquele em que, dentro de um mesmo espaço e tempo, um grupo de alunos segue orientações de um professor e as realizam, porém, individualmente, ou seja, as atividades são realizadas simultaneamente, mas não integradas, entre os colegas. Nessa instância de aprendizagem não se contribui e não se recebe contribuição; em resumo, não se produzem trocas, não se prevêm efeitos; simplesmente, as atividades acontecem ao mesmo tempo. Já o **ensino coletivo de instrumento musical** permite e implica a troca de relações importantes para o desenvolvimento de cada um; ou seja, existe uma relação social de dependência, pois todos participam juntos de um mesmo discurso. Tendo isso em mente, uma das possibilidades de trabalho dentro de uma turma heterogênea é a do arranjo ou adaptação, de acordo com o nível de cada grupo de alunos da turma. (OLIVEIRA, P. A. D. de, 2010, p. 24-25, grifo do autor).

No entanto, o autor não apresenta nenhum referencial teórico ou pesquisa empírica que justifique o emprego de tais definições. A análise dos textos revelou que a prática de ensino dos professores que utilizam o termo *ensino em grupo*, em muitos casos, não condiz com a definição apresentada por Oliveira, P. A. D. de (2010).

Há autores que associam os dois termos: *ensino em grupo* e *ensino coletivo*, buscando designar uma metodologia de ensino e outros o utilizam buscando tratar de “[...] um

formato ou uma ‘modalidade pedagógica.’” (MONTANDON, 2014, p. 2). Para a autora, na literatura da área há muitos trabalhos que são relatos de experiências pessoais, revelando a necessidade de pesquisas que sejam mais críticas, reflexivas e problematizadoras, para que assim, possam trazer novas contribuições teóricas para a temática.

Sobre as divergências de conceituações e utilização de termos ligadas a área do ensino coletivo de instrumentos musicais, Cruvinel (2008) também acredita ser importante a existência de novas pesquisas que contribuam com o aprofundamento e entendimento destas concepções teóricas.

Diante do panorama apresentado, percebeu-se que não há um consenso sobre o significado de cada termo, bem como, a que práticas de ensino estão associados. As tentativas de conceituação não partem de reflexões teóricas e/ou pesquisas empíricas que justifiquem o porquê do emprego dos termos *ensino coletivo* ou *ensino em grupo*. Esta situação revela que há uma carência de estudos e pesquisas sobre a temática e aponta para a necessidade de fomentar pesquisas que tratem teoricamente dessas questões.

Em relação ao significado dos dois termos, o dicionário Aurélio da língua portuguesa mostra que

coletivo [Do lat. *collectivu*.] Adj. 1. Que abrange ou compreende muitas coisas ou pessoas; 2. Pertencente a, ou utilizado por muitos. 3. E. Ling. Diz-se do substantivo que, no singular, designa várias pessoas, animais ou coisas. [Ex.: *povo, rebanho, laranjal*.] 4. Que manifesta a natureza ou a tendência de um grupo como tal, ou pertence a uma classe, a um povo, ou a qualquer grupo. (FERREIRA, 2010, p. 529).
grupo [Do it. *gruppo*, poss. do gót. **krTpps*, ‘objeto avultado’.] S. m. [...] 2. Reunião de coisas que formam um todo. [...] 4. Reunião de pessoas. 5. Pequena associação ou reunião de pessoas ligadas para um fim comum. (FERREIRA, 2010, p. 1057).

Os dois termos, como definidos acima, têm algo em comum em sua aplicabilidade: consistem de termos usados para o ensino de um instrumento para um agrupamento de pessoas, reunidas para alcançarem um objetivo, que se trata, neste caso específico, o de promover a aprendizagem musical. A utilização de um termo ou de outro está sempre ligado a contextos, que podem valorizar ou não a atividade, que podem atender ou não aos objetivos daquele que ensina. Tendo em vista a importância social desta nova modalidade de agrupamento de alunos para o ensino/aprendizagem, assim como as possibilidades da aplicabilidade da atividade a vários contextos, pensa-se que tais grupos constituem a partir do contexto de ensino em que estão inseridos.

Como ainda não existe consenso sobre o uso dos conceitos, e sabendo que os termos que definem as práticas de ensino são reflexos da concretude que cada um pode refletir a realidade, o presente trabalho emprega o termo *ensino coletivo*, levando em conta a maioria dos autores que pesquisam sobre o tema.

Outra questão que se considera importante refletir neste momento, para um melhor entendimento da temática, são os aspectos históricos do surgimento do ensino coletivo de instrumentos musicais no mundo e as primeiras experiências de ensino coletivo de violão no Brasil.

2. Histórico do ensino coletivo de instrumentos musicais

Estudos mostram que o início do ensino coletivo de instrumentos musicais, como um forma sistematizada de ensino/aprendizagem, iniciou no século XIX (CRUVINEL, 2005; MONTANDON, 1992; OLIVEIRA, E. A. J. de, 1998).

Cruvinel (2005) acredita que essa forma de ensino tenha se iniciado na Europa e em seguida ganhado novos adeptos nos Estados Unidos. Oliveira, E. A. J. de (1998) relata seu surgimento a partir dos Estados Unidos, através de professores que viajavam ensinando cantos religiosos de forma coletiva entre cidades. Dentre esses mesmos professores, os que tinham conhecimento específico dos instrumentos de corda passaram também a ensiná-los de forma coletiva ao perceber o interesse das pessoas em aprender, além do canto, outros instrumentos musicais.

Montandon (1992), descreve o surgimento desta proposta de ensino no ano de 1815, quando o professor de Piano Alemão, Johann Bernhard Logier, residente em Londres desde o ano de 1805 “[...] passou a desenvolver um sistema de aulas de piano em grupo em sua academia em Dublin, ao qual denominou de ‘Novo Sistema de Educação Musical’ de acordo com o nome de seus livros instrucionais.” (MONTANDON, 1992, p. 8).

A autora mostra também, que professores de piano do Canadá e dos Estados Unidos participaram de cursos de formação para aprenderem a nova proposta metodológica com o pianista Johann Bernhard Logier. Esse fato poderia explicar a chegada desta nova prática de ensino no continente americano em meados do século XIX, com aulas de piano em grupo, em escolas do Canadá e dos Estados Unidos.

No Brasil, essa proposta de ensino chega na década de 1950 com o professor José Coelho de Almeida, realizando experiências de ensino com bandas de música em fábricas do interior paulista. Na década de 1970 acontecem os primeiros experimentos de ensino coletivo de cordas com o casal Alberto Jaffé e Daisy de Lucca. Em 1975, o casal iniciou um programa de ensino coletivo de cordas em Fortaleza, a convite do Serviço Social da Indústria (SESI). O trabalho realizado por Alberto e Daisy Jaffé contribuiu “[...] para a formação da maioria dos profissionais de cordas existentes hoje no País.” (OLIVEIRA, E. A. J. de, 1998, p. 13).

3. Considerações sobre o ensino coletivo de violão no Brasil

Um dos objetivos do Ensino Coletivo de Violão no Brasil é levar o ensino da música a uma maior quantidade de alunos; isso ocorre principalmente em projetos sociais, cursos de extensão e escolas de educação básica. Um projeto de iniciação musical, através do Ensino Coletivo de Violão, é diferente de um projeto com outros instrumentos, pois “[...] a força intrínseca do violão no Brasil, está fortemente arraigado nas nossas origens musicais e no ‘ouvido’ dos alunos.” (WEIZMANN, 2008, p. 71).

Essa constatação feita por Weizmann (2008), provavelmente, se deve ao fato do violão ser um dos instrumentos mais populares do Brasil e constituir a base do acompanhamento ritmo e harmônico de diversos gêneros musicais brasileiros. Ele sempre esteve presente como protagonista das discussões nacionalistas que ocorreram na segunda metade do século XX, buscando a afirmação de uma identidade nacional (TABORDA, 2010).

Ao buscar a história das primeiras propostas e experiências de ensino coletivo de violão ocorridas no Brasil, verifica-se que o primeiro relato documentado ocorreu no curso de extensão da Universidade Federal da Bahia (UFBA) no ano de 1989. As aulas individuais até então ministradas na instituição atendiam menos de 10% dos alunos interessados em participar das aulas de Violão, reforçando a necessidade de uma proposta coletiva (BRAGA; TOURINHO, 2013).

As aulas ministradas para a primeira turma criada em 1989, com quase 30 alunos de violão, foram realizadas de uma maneira completamente empírica. Posteriormente foram

realizadas várias adequações “[...] até chegar-se a turmas com seis e depois quatro pessoas, número mantido até hoje.” (Ibid., p. 148).

Além da Oficina de Violão na UFBA, que se tornou referência no campo de ensino coletivo de violão no Brasil, algumas experiências se destacam no cenário nacional.

O Projeto Guri, criado em 1995 pela Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, é um desses exemplos. Oferecendo através do ensino coletivo de música, a criação de orquestras e corais, busca desenvolver nas crianças e jovens carentes participantes, além do aprendizado musical, a autoestima e a sociabilidade (YING, 2007).

Outra experiência bem-sucedida foi a criação do projeto *orquestra cidades* em cidades do interior de Goiás, pelo violonista e Maestro Claudio Weizmann através da Lei de Incentivo a Cultura - MINC. O projeto iniciou-se em 2001 na cidade de Catalão com aulas de violão para 120 adolescentes, com objetivo de realizar no prazo de um ano a estreia da orquestra. Utilizando o mesmo modelo, em 2002, o projeto foi implementado na cidade de Niquelândia e em 2004 em Barro Alto (WEIZMANN, 2008). Um fato interessante é que o professor Claudio Weizmann, entre os anos de 1997 a 2006, trabalhou como professor de aulas coletivas de violão no projeto Guri no Estado de São Paulo.

É importante ressaltar a existência de experiências bem-sucedidas de projetos de ensino coletivo de violão que acontecem em escolas de educação básica. A primeira refere-se ao projeto criado em 2007 pela prefeitura municipal de Teresina - PI, denominado *Violão na Escola*, que atende atualmente cerca de 400 alunos em 10 unidades escolares de ensino regular. Os alunos que se destacam nos estudos podem participar da Orquestra de Violões de Teresina (TERESINA, 2015). Uma segunda experiência bem-sucedida é o projeto *Orquestra de Violões nas Escolas*, realizado em escolas estaduais de educação básica do Espírito Santo desde 2012. O projeto tem a parceria com a Faculdade de Música do Espírito Santo (FAMES) e acontece em cerca de 50 escolas da rede estadual (OLIVEIRA, V. M. de, 2014).

Um outro exemplo é o da Secretaria de Educação do Estado de Goiás, que por meio de projetos de música realizados no contraturno escolar, implementou, no ano de 2005, o primeiro projeto de ensino coletivo de violão (SÁ, 2012). Atualmente, os projetos de ensino coletivo de violão estão presentes na rede estadual em dezenas de escolas, tanto em projetos de contraturno escolar, como em escolas de tempo integral.

No contexto do ensino coletivo de violão, experiências revelam que é possível trabalhar os conteúdos musicais contemplando os diferentes estilos e gêneros musicais existentes no país, fazendo uso da notação de músicas tanto por cifra como por partitura e ainda proporcionar “[...] a convergência de algumas práticas que otimizam o processo de aprendizagem, tais como a apreciação, a imitação e a improvisação.” (ARÔXA; REBOUÇAS; OLIVEIRA, 2013, p. 1824).

Ainda que existam experiências bem-sucedidas de ensino coletivo de violão no Brasil, observa-se que os materiais didáticos elaborados para este fim são poucos. A partir desta constatação, surgiram os seguintes questionamentos: Quais e quantos materiais didáticos já foram publicados no Brasil elaborados para o ensino coletivo de violão? Que conteúdos esses materiais didáticos contemplam? Quais desses materiais didáticos poderiam ser classificados como um método?

Em seguida será realizada uma reflexão sobre o conceito e entendimento de método, buscando subsídios para análise dos materiais didáticos publicados no Brasil, elaborados para o ensino coletivo de violão e/ou que contenham arranjos instrumentais voltado para este fim.

4. Considerações sobre métodos de ensino

Em busca do entendimento do conceito de *método*, parte-se do campo da filosofia, em que:

Método – significa literalmente a maneira de seguir um “caminho”, percurso, isto é, investigação, mas investigação com um plano fixado e com regras determinadas e aptas para conduzir ao fim proposto. O método se contrapõe assim à sorte e supõe-se, desde logo, que há uma ordenação no objeto a que se aplica e ainda, como no caso da ciência moderna, uma ordenação matemática. (MORA, 1985 apud CAMPOS, 2000, p. 174).

Nesta concepção, percebe-se que um método deve indicar os passos ou caminhos para se atingir o objetivo traçado.

Já no campo da educação, para o professor francês Marc Bru, “[...] os métodos pedagógicos constituem um quadro para pensar e realizar a prática educativa.” (BRU, 2008, p. 7). Assim, a aplicação de um método deve sempre avaliar quais são os objetivos a serem alcançados.

Bru (2008) relata que entre os teóricos no campo da pedagogia há diferentes concepções de *método*, e apresenta, a partir de uma visão geral, três elementos que constituem um método pedagógico: “[...] a) um conjunto de meios; b) escolhidos com o fim de atingir um ou vários objetivos inscritos em um propósito; c) mediante ações organizadas e distribuídas no tempo.” (p. 7). Ao abordar a classificação dos diferentes métodos pedagógicos, Marc Bru mostra que “toda pedagogia se articula sobre uma relação privilegiada entre dois de três elementos (o saber, o professor e os alunos).” (p. 38).

Nessa perspectiva, a partir do triângulo pedagógico, posiciona as diversas pedagogias e seus métodos em três tipos: a primeira privilegia a relação entre o saber e o professor (*processo ensinar*); a segunda privilegia a relação entre o professor e os alunos (*processo formar*) e a terceira privilegia a relação entre o saber e o aluno (*processo aprender*) (BRU, 2008).

No campo da música, se utiliza o conceito de método “[...] tanto como caminho para se atingir objetivos, relacionando-se a ações pedagógicas organizadas, quanto como objeto imbuído de materialidade, caracterizando-se como o livro didático destinado ao ensino do instrumento.” (REYS; GARBOSA, 2010, p. 107). Nesse sentido, é comum livros didáticos utilizados na iniciação instrumental, serem designados como métodos, intitulados pelos nomes de seus autores.

Geralmente os professores adotam e utilizam um ou mais métodos a partir da escolha de uma determinada concepção de ensino, personificado na figura do livro didático, o que na prática acaba orientando e direcionando o trabalho em sala de aula. Nessa perspectiva, métodos

[...] caracterizam livros didáticos manuscritos ou impressos, elaborados para atender as necessidades de professores e alunos de instrumento, refletindo uma realidade histórica, social e educacional. Tais livros apresentam, geralmente, orientações elementares de teoria musical, assim como orientações técnicas sobre o manuseio do instrumento, incluindo a maneira de sentar-se, de segurar o instrumento e de produzir o som. Por meio de um “passo a passo”, os métodos são organizados de modo a apresentarem os conteúdos em uma ordem progressiva de dificuldades técnicas e musicais. Assim, além de exercícios para desenvolver a técnica específica de um instrumento musical, os autores costumam incluir um repertório ligado ao contexto cultural de origem, além de peças ou fragmentos relacionados ao repertório tradicional do instrumento. (REYS; GARBOSA, 2010, p. 114).

Dessa forma, compreende-se que “o método é uma proposta pronta, construída a partir da experiência de seu autor ou autores e que, via de regra, não leva em consideração a outra ponta do binômio ensino/aprendizagem – o aluno.” (FONTERRADA, 2012 apud BRAZIL, 2012, p. 9-10).

Para Penna (2009), inúmeros métodos de educação musical vinculam suas propostas metodológicas a algum tipo de material didático, apresentando sequências pedagógicas que acabam se tornando um meio de sua própria divulgação.

A autora, ao analisar a importância dos métodos no processo pedagógico, mostra que

[...] os métodos carregam uma concepção de mundo, uma concepção de música; eles selecionam e organizam conteúdos, propondo procedimentos para abordá-los. É preciso, portanto, verificar se são compatíveis com a concepção de música que defendemos, se os conteúdos que trabalham são aqueles que priorizamos. (PENNA, 2009, p. 1354).

Assim, os materiais didáticos designados como métodos de ensino de instrumentos musicais são construídos a partir de diferentes necessidades e objetivos educativos, os quais irão refletir a realidade para a qual foram concebidos.

Para uma melhor compreensão do material didático disponível para violão coletivo, serão analisados os três livros encontrados na revisão bibliográfica que foram publicados no Brasil direcionados a temática e mais dois que possuem arranjos instrumentais compatíveis com a proposta de ensino coletivo de violão. A existência de arranjos instrumentais elaborados para a prática e/ou o ensino do violão de forma coletiva, foi o critério utilizado para definir quais materiais didáticos seriam analisados. A ordem de exposição dos materiais foi apresentada de acordo com o ano de publicação.

5. A escolha dos materiais didáticos a serem analisados

Após um extenso levantamento bibliográfico em editoras, livrarias e bibliotecas, foi possível confirmar que ainda existem poucos materiais didáticos publicados no Brasil elaborados para a iniciação musical por meio do ensino coletivo de violão. Foram encontrados apenas três materiais em que os próprios autores os conceituam como destinados a aulas coletivas de violão:

Oficina de Violão: volume 1 - Cristina Tourinho e Robson Barreto (2003);

Violão Orquestral: volume I - metodologia do ensino coletivo e 20 arranjos completos para orquestra de violões - Cláudio Weizmann (2003);

Na Ponta dos Dedos: exercícios e repertórios para grupos de cordas dedilhadas - Marcelo Brazil (2012).

Optou-se por incluir na análise, além desses três materiais didáticos, mais dois, que mesmo não sendo direcionados à iniciação musical por meio de aulas coletivas de violão, apresentam arranjos instrumentais que podem ser utilizados como material de apoio nessa modalidade de ensino:

Em Conjunto - André Campos Machado (2002a, 2002b, 2002c);

Minhas Primeiras Cordas - André Campos Machado (2007);

A seguir realiza-se uma descrição dos conteúdos que cada um dos materiais didáticos contempla, apresentando os dados comparativos entre eles explicitados no Quadro 1. Posteriormente realiza-se a análise dos materiais didáticos a partir de quatro critérios apresentados no Quadro 2, elaborados a partir do entendimento do conceito de método na área da música apresentado por Reys e Garbosa (2010). Os quatro critérios de análise construídos são: (1) orientações elementares de teoria musical; (2) orientações técnicas sobre o manuseio do instrumento; (3) conteúdos em uma ordem progressiva de dificuldades técnicas e musicais; (4) existência de uma ordem sequencial pré-determinada por meio de um “passo a passo” para se atingir o objetivo final.

Descrição dos Conteúdos dos Materiais Didáticos Selecionados

Em Conjunto - André Campos Machado (2002a, 2002b, 2002c)

O material é composto de três volumes compostos para a prática em conjunto. Contempla um repertório de músicas populares e eruditas direcionadas para alunos intermediários e avançados. Não se propõe apresentar um método de iniciação e sim uma coletânea de arranjos instrumentais para a prática coletiva de duos trios e quartetos de violão, sendo que alguns arranjos contemplam a flauta transversal.

Oficina de Violão - Volume 1 - Cristina Tourinho e Robson Barreto (2003)

O material é elaborado para a iniciação instrumental sendo dividido em três partes. Na primeira apresenta: informações preliminares do instrumento e da técnica violonística, elementos básicos da teoria musical, acordes no braço do violão e sugestões de músicas folclóricas e populares para serem tocadas através de cifra. A segunda parte contempla: leitura aplicada, solfejo e técnica instrumental, exercícios e melodias folclóricas com acompanhamento de cifra. Parte-se da primeira corda do violão e de forma progressiva inseri-se as demais, até trabalhar as seis cordas do violão na pauta na primeira posição. A terceira parte contém músicas do repertório erudito para violão solo e duo.

Violão Orquestral - Volume I - Metodologia do Ensino Coletivo - Cláudio Weizmann (2003)

O material apresenta: orientações técnicas básicas de execução violonística, princípios da linguagem musical, cronologia e mestres do violão, alguns exercícios técnicos, melodias populares, folclóricas e do repertório erudito na pauta com acompanhamento de cifra, peças para violão solo do repertório erudito e arranjos de músicas populares para violão solo. A última parte do material contempla 20 Arranjos completos para Orquestra de Violões com distinção do nível de dificuldade: iniciante, intermediário e avançado.

Minhas Primeiras Cordas - André Campos Machado (2007)

Este material, apesar de ser direcionado ao ensino de violão de forma tutorial, foi incluído na análise por conter quatro arranjos instrumentais para serem utilizados em aulas coletivas de violão por alunos iniciantes.

A primeira parte contém peças para iniciação da leitura de partitura contemplando apenas as três primeiras cordas do violão com acompanhamento do professor. A Segunda contém 10 estudos para violão solo, cada um busca trabalhar um aspecto técnico diferente: ligados, escalas, arpejos, trêmulo, melodia e acompanhamento, terças, polegar, acordes, acordes diminutos e harmônicos. Já na terceira parte, foram compostas pelo autor quatro músicas com arranjo para quarteto de violões, para serem utilizadas em aulas coletivas.

Na Ponta dos Dedos - Marcelo Brazil (2012)

Este material contém composições de exercícios e arranjos instrumentais, contemplando a leitura de partitura e de cifra com o objetivo de desenvolver a leitura musical dos alunos em aulas coletivas. A primeira parte do material é destinada a exercícios instrumentais para grupos coletivos de cordas dedilhadas e violão com percussão, contemplando diversos estilos musicais como: valsa, maxixe, baião, choro, reggae e maracatu, chamamé, cururu, toada e ponteado. Na segunda parte contém peças para trio e quarteto de diferentes ritmos e estilos musicais. O material ainda apresenta textos de apoio direcionado aos professores.

Quadro Comparativo dos Conteúdos Contemplados nos Materiais Didáticos

Com o objetivo de facilitar o entendimento dos materiais didáticos selecionados, bem como a correspondência dos principais aspectos existente entre eles, foi criado um quadro que mostra quais os aspectos que cada um contempla ou deixa de contemplar. (Vide Quadro 1 abaixo).

Quadro 1: Doze aspectos de análise de correspondência entres os conteúdos contemplados nos materiais didáticos elaborados para o ensino coletivo de violão publicados no Brasil.

Conteúdos contemplados nos materiais didáticos:	Em Conjunto (2002a, 2002b, 2002c)	Oficina de Violão v. 1 (2003)	Violão Orquestral - Volume I (2003)	Minhas Primeiras Cordas (2007)	Na ponta dos dedos (2012)
1. Iniciação Violonística		X	X	X	
2. Leitura Musical	X	X	X	X	X
3. Leitura de Cifra	X	X	X		X
4. Levadas rítmicas para mão direita					
5. Conceituações teóricas		X	X		
6. Noções de postura e/ou técnica violonística		X	X	X	
7. Exercícios de leitura musical e/ou técnica violonística		X	X	X	X
8. Estudos de escalas					
9. Aspectos históricos do violão e/ou dos principais violonistas			X		
10. Desenhos de acordes no braço do violão		X	X		
11. Letras de músicas populares cifradas			X		
12. arranjos instrumentais para ensino coletivo de violão	X	X	X	X	X

Todos os materiais contemplam a leitura musical e arranjos instrumentais para a prática e/ou ensino do violão de forma coletiva. Dos cinco materiais analisados, quatro apresentam exercícios de leitura musical e/ou técnica violonística, no entanto, os mesmos não apresentam encadeamentos de atividades e exercícios de forma progressiva como um “passo

a passo” buscando superar as dificuldades e o desenvolvimento das habilidades técnicas do violão. Foi observado ainda, que apenas três dos materiais apresentam atividades elaboradas para a iniciação violonística contemplando noções de postura e/ou técnica violonística.

Nenhum dos materiais apresenta estudos das escalas musicais, um aspecto fundamental e necessário na formação de qualquer instrumentista. Também não contempla variações das levadas rítmicas utilizadas no violão para acompanhamento de músicas populares, o que proporcionaria uma formação mais ampla para o violonista. Nesse sentido, mesmo que quatro dos materiais apresentem a utilização da notação de acordes por cifra, somente dois contemplam desenhos dos acordes no braço do violão e apenas um, de autoria de Weizmann (2003), contém letras de músicas cifradas.

Foi constatado que as conceituações teóricas estão presentes apenas nos materiais de Tourinho e Barreto (2003) e Weizmann (2003), sendo que apenas este último contempla aspectos históricos do violão e/ou dos principais violonistas.

Análise dos Materiais Didáticos Elaborados para o Ensino Coletivo de Violão

Os quatro critérios aqui utilizados para buscar identificar quais os materiais didáticos publicados no Brasil poderiam ser designados como métodos de ensino coletivo de violão, foram elaborados a partir das características apresentadas por Reys e Garbosa (2010), que constituem o entendimento do conceito de método de iniciação instrumental na área de música. (*Vide* Quadro 2 abaixo).

Quadro 2: Quatro dos critérios utilizados na análise dos materiais didáticos elaborados para o ensino coletivo de violão publicados no Brasil.

Análise dos matérias didáticos utilizando os critérios elaborados a partir do conceito de método apresentado por Reys e Garbosa (2010):	Em Conjunto (2002a, 2002b, 2002c)	Oficina de Violão v. 1 (2003)	Violão Orquestral - Volume I (2003)	Minhas Primeiras Cordas (2007)	Na ponta dos dedos (2012)
1. Orientações elementares de teoria musical		X	X		
2. Orientações técnicas sobre o manuseio do instrumento		X	X		
3. Conteúdos em uma ordem progressiva de dificuldades técnicas e musicais		X	X	X	
4. Existência de uma ordem sequencial pré-determinada por meio de um “passo a passo” para se atingir o objetivo final					

Critério 1: Orientações elementares de teoria musical

Nesse critério, apenas os materiais de Tourinho e Barreto (2003) e Weizmann (2003) mostraram possuir informações iniciais de leitura musical como: nome das notas na pauta, nome das figuras musicais, nome das claves etc. Nesse sentido o material de Weizmann (2003) se mostra mais completo, apresentando conceitos como: ligaduras, figuras pontuadas, compassos, fórmula de compasso, tempo, acidentes musicais, sinais de repetição, dinâmica, andamento, metrônomo, diapasão e formas musicais.

Critério 2: Orientações técnicas sobre o manuseio do instrumento

Novamente, apenas os materiais de Tourinho e Barreto (2003) e Weizmann (2003) contemplaram esse critério. No entanto, os dois materiais didáticos fazem essa abordagem de forma bastante superficial. Não apresentando textos nem mesmo imagens que orientem os alunos quanto à postura: a forma de sentar, o posicionamento das mãos e dos braços durante a execução de uma peça no violão.

Critério 3: Conteúdos em uma ordem progressiva de dificuldades técnicas e musicais

Neste aspecto analisado foram três os materiais didáticos que apresentaram uma ordem progressiva de dificuldade técnica a ser desenvolvida. Os materiais de Tourinho e Barreto (2003) e Weizmann (2003) contemplaram esse critério tanto nos exercícios apresentados, como no repertório solo e em conjunto existente. Já o livro de Machado (2007) apesar de ter sido selecionado por conter três peças direcionadas ao ensino coletivo de violão, contempla esse critério apenas na parte destinada ao ensino de violão de forma tutorial.

Critério 4: Existência de uma ordem sequencial pré-determinada por meio de um “passo a passo” para se atingir o objetivo final.

Foi constatado que nenhum dos cinco materiais didáticos contempla esse critério de forma plena. Os materiais, de forma geral apresentam tanto exercícios, como repertório solo e coletivo, sem possuírem um “passo a passo” no desenvolvimento técnico violonístico que justificaria uma exigência de sequência pré-determinada de forma rígida de todo material. A existência de uma ordem sequencial como um “passo a passo” é uma das características marcantes na análise feita por Santos (2013) nos métodos de piano em grupo existentes no Brasil e nos Estados Unidos.

Mesmo que todo o material analisado contemple arranjos instrumentais elaborados para o ensino coletivo de violão e a maioria apresente exercícios e atividades que buscam o desenvolvimento da leitura e de algumas habilidades técnicas do violão, acredita-se que nenhum deles atenda ao que se compreende por “método”, pois não há a existência de uma ordem sequencial pré-determinada por meio de um “passo a passo” para se atingir o objetivo final, como foi constatado no quarto critério de análise. Os materiais se enquadram melhor na classificação de livros de repertório ou materiais didáticos direcionados ao ensino coletivo de violão.

Importante ressaltar que nenhum dos cinco materiais didáticos analisados se autodenomina como um método de ensino coletivo de violão. Dos cinco materiais, três apresentam uma justificativa na introdução relatando que as publicações não possuem a pretensão de ser um método de iniciação instrumental.

Brazil (2012) relata que na parte dele não houve pretensão de organizar um método e que seu livro “[...] é apenas uma coleção organizada de parte dos exercícios, composições e arranjos que elaborei em mais de quinze anos como professor de aulas coletivas de violão” (p. 11). Machado (2007) também apresenta a mesmo posicionamento e diz que seu objetivo foi “[...] contribuir para o aumento de repertório para alunos em sua fase inicial de aprendizado violonístico” (p. 11). Nesse sentido Tourinho e Barreto (2003) propõe que cada professor utilize o material de forma autônoma tendo “[...] liberdade para intercalar o aprendizado de cifras com a leitura na pauta e o repertório, sem necessariamente dar seguimento à ordem das páginas” (p. 7).

Considerações finais

As reflexões realizadas a partir do estudo da revisão de literatura permitiram compreender que um método significa uma proposta pronta, com os caminhos pré-determinados como um “passo a passo” para se atingir de forma gradual os objetivos propostos. Isto é, o método consiste em uma sequência de procedimentos em que o objetivo é alcançar um determinado fim.

Nesse sentido, a análise dos cinco materiais didáticos realizada revelou que nenhum deles contempla de forma completa os requisitos necessários para ser classificado como um método de ensino coletivo de violão, principalmente pelo fato de não possuírem um “passo a passo” definido.

Além dos aspectos discutidos até aqui, é pertinente pensar também sobre a importância do professor como um ser reflexivo, tomando cuidado para não se tornar um mero executor de um *método*, ou de materiais didáticos, pensado e construído para um determinado contexto. Mesmo adotando e utilizando um determinado *método* de ensino de instrumento musical, o professor de música deve refletir se o mesmo é suficiente para atender todas as necessidades da sua prática educativa, pois nenhuma escola de música é igual a outra, e portanto, parte-se do pressuposto que os caminhos a serem percorridos dependerá da realidade de cada situação.

Desse modo, acredita-se ser relevante no processo pedagógico articular e definir o *que e como* ensinar. Acredita-se que a formação de um professor de música reflexivo também está diretamente ligada ao conhecimento de diferentes propostas metodológicas e ter acesso aos diferentes materiais didáticos elaborados para o ensino coletivo de violão poderá contribuir com a sua própria reflexão como professor em sua prática pedagógica.

Nota

¹ Este texto integra uma pesquisa de mestrado em música em andamento no Programa de Pós Graduação em Música da UFG, que busca estudar o desenvolvimento da aprendizagem musical em aulas coletivas de violão, a partir de um proposta metodológica.

Referências

ARÔXA, Ricardo; REBOUÇAS, Felipe; OLIVEIRA, Adriano. Oficinas de violão da EMUS-UFBA: um relato de experiência. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 21, 2013, Pirenópolis. *Anais...* Pirenópolis: ABEM, 2013. p. 1824-1833.

BARBOSA, Joel Luis. Considerando a Viabilidade de Inserir Musica Instrumental no Ensino de Primeiro Grau. *Revista da Abem*, Salvador, v.3 n.3, p. 39-50, jun. 1996.

BRAGA, Paulo David Amorim. Oficina de violão: estrutura de ensino e padrões de interação em um curso coletivo a distância. Tese de Doutorado. Escola de Música. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2009. 320p.

BRAGA, Simone; TOURINHO, Cristina. *Um por todos ou todos por um: processos avaliativos em música*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2013. 170p.

BRAZIL, Marcelo. *Na ponta dos dedos: exercícios e repertório para grupos de cordas dedilhadas*. São Paulo: DIGITEXTO, 2012. 86p.

BRU, Marc. *Métodos de pedagogia*. São Paulo: Ática, 2008. 120p.

CAMPOS, Moema Craveiro. *A educação musical e o novo paradigma*. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000. 252p.

COSTA, Carlos H.; AGUIAR, Adriana. Piano em grupo: metodologia contextualizada ao Brasil. In: CONGRESSO REGIONAL CENTRO-OESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 8, 2008, Brasília. *Anais...* Brasília: ABEM, 2008.

CRUVINEL, Flavia Maria. *Efeitos do ensino coletivo na iniciação instrumental de cordas: a educação musical como meio de transformação social*. Dissertação de Mestrado, Escola de Música e Artes Cênicas. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2003. 321p.

CRUVINEL, Flavia Maria. *Educação musical e transformação social: uma experiência com ensino coletivo de cordas*. Goiânia: ICBC, 2005. 255p.

CRUVINEL, Flavia Maria. O Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais na Educação Básica: compromisso com a escola a partir de propostas significativas de Ensino Musical. In: CONGRESSO REGIONAL CENTRO-OESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 8, 2008, Brasília. *Anais...* Brasília: ABEM, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 2273p.

GALINDO, João Maurício. *Instrumentos de arco e ensino coletivo: a construção de um método*. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicações e Artes. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000. 180p.

LEME, Luis Santiago Malaga. *Práticas informais no ensino coletivo de sopros: um experimento no Guri*. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicações e Artes. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012. 227p.

MACHADO, André Campos. *Em conjunto: arranjos e adaptações - volume 1*. Uberlândia: Edufu, 2002. 75p.

MACHADO, André Campos. *Em conjunto: arranjos e adaptações - volume 2*. Uberlândia: Edufu, 2002. 95p.

MACHADO, André Campos. *Em conjunto: arranjos e adaptações - volume 3*. Uberlândia: Edufu, 2002. 86p.

MACHADO, André Campos. *Minhas primeiras cordas*. Uberlândia: Edufu, 2007. 66p.

MONTANDON, Maria Isabel. *Aula de piano e ensino de música: análise da proposta de reavaliação da aula de piano e sua relação com as concepções pedagógicas de Pace, Verhaalen e Gonçalves*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Artes. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1992. 171p.

MONTANDON, Maria Isabel. Ensino Coletivo, Ensino em Grupo: mapeando as questões da área. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL, 1, 2005, Goiânia. *Anais...* Goiânia: Escola de Música e Artes Cênicas-UFG, 2004. p. 44-48.

MONTANDON, Maria Isabel. O que dizem os textos sobre ensino em grupo ou ensino coletivo de instrumento: uma análise de conteúdo. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL, 6, 2014, Salvador. *Anais...* Salvador: Escola de Música da UFBA, 2014.

MONTANDON, Maria Isabel; SCARAMBONE, Denise. As várias formas de ensinar em grupo: relatos de experiência. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE PIANO EM GRUPO, 2, 2012, Goiânia. *Anais...* Goiânia: Anais do II Encontro Internacional de Piano em Grupo, 2012. p. 53-56.

OLIVEIRA, Enaldo Antonio James de. *O ensino coletivo dos instrumentos de corda: reflexão e prática*. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicações e Artes. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998. 202p.

OLIVEIRA, Pedro Augusto Dutra de. O ensino coletivo de instrumento musical: explorando a heterogeneidade entre alunos de uma mesma turma. *Revista Espaço Intermediário*, São Paulo, v.1, n.2, p. 19-30, 2010.

OLIVEIRA, Victor Matos de. Projeto Orquestra de Violões nas Escolas: uma experiência de ensino coletivo de instrumento nas escolas da rede pública estadual de ensino do Espírito Santo. *A Tempo - Revista de Pesquisa em Música*, Vitória, v.5, n.5, p. 29-37, jan/jun. 2014.

PENNA, Maura. O método na prática pedagógica em música: função, uso e o papel do professor. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 18, 2009, Londrina. *Anais...* Londrina: ABEM, 2009. p. 1350-1357.

REINOSO, Ana Paula T. A Inserção do Ensino de Piano em Grupo no Brasil: episódios marcantes. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 2, 2012, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: SIMPOM, 2012. p. 1110-1117.

REYS, Maria Cristina Deltregia; GARBOSA, Luciane Wilke Freitas. Reflexões sobre o termo “método”: um estudo a partir de revisão bibliográfica e do método para violoncelo de Michel Corrette (1741). *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v.24, p. 107-116, 2010.

SÁ, Fábio Amaral da Silva. A construção de um repertório atrativo e eficaz para o ensino coletivo de violão: uma experiência. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL, 5, 2012, Goiânia. *Anais...* Goiânia: EMAC-UFG, 2012.

SANTOS, Rogerio Lourenço dos. *O ensino de piano em grupo: uma proposta para elaboração de método destinado ao curso de piano complementar nas universidades brasileiras*. Tese de Doutorado. Escola de Comunicação e Artes. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013. 255p.

SILVA, Francinaldo Rodrigues da. *A aprendizagem musical e as contribuições sociais nas bandas de música: um estudo com duas bandas escolares*. Dissertação de Mestrado. Escola de Música e Artes Cênicas. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2014. 188p.

TABORDA, Marcia. *Violão e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. 304p.

TERESINA, Prefeitura de. *Orquestra de Violões é alternativa para jovens em Teresina*, Teresina, 14 mai. 2015. Disponível em: <<http://www.portalpmt.teresina.pi.gov.br/noticia/Orquestra-de-Violoes-e-alternativa-para-jovens-em-Teresina/6661>>. Acesso em: 30 out. 2015.

TOURINHO, Cristina. *A motivação e o desempenho escolar na aula de violão em grupo: influência do repertório de interesse do aluno*. Dissertação de Mestrado. Escola de Música. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1995. XXXp.

TOURINHO, Cristina. A formação de professores para o ensino coletivo de instrumento. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 12, 2003, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: ABEM, 2003.

TOURINHO, Cristina; BARRETO, Robson. *Oficina de Violão*. Salvador: Quarteto, 2003. 44p.

VIDEIRA, Mario. Ensinando piano em grupos. *Revista Espaço Intermediário*, São Paulo, v.2, p. 71-73, 2011.

WEIZMANN, Cláudio. *Violão Orquestral - volume 1: metodologia do ensino coletivo e 20 arranjos completos para orquestra de violões*. São Paulo: Rettec, 2003. 196p.

WEIZMANN, Cláudio. *Educação musical: aprendendo com o trabalho social de uma orquestra de violões*. Dissertação de Mestrado. Faculdade Mozarteum. São Paulo: Universidade Presbiteriana MacKenzie, 2008. 190p.

YING, Liu Man. *O Ensino Coletivo Direcionado no Violino*. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicações e Artes. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007. 227p.

Fábio Amaral da Silva Sá - Graduado em Educação Musical pela UFG. Especialista em Docência do Ensino Superior pela Sociedade Brasileira de Educação e Cultura. Aluno bolsista (CNPq) no Programa de Mestrado em Música da UFG, com pesquisa na área de Educação Musical e Ensino Coletivo de Violão. Professor de Música e Ensino Coletivo de Violão na Secretaria Estadual de Educação do Estado de Goiás.

Dra. Eliane Leão - Doutora pela UNICAMP. Mestre pela *Purdue University*. Pós-doutora pela *Auburn University*/CNPq. Editora de música do *Art Research Journal*, representante da ANPPOM. Professora no Mestrado em Música da EMAC/UFG. Pesquisadora na área de Desenvolvimento Cognitivo Musical, Metodologias de Ensino da Música, Criatividade, Ensino Coletivo e Interdisciplinaridade. Autora do livro *Pesquisa em Música: apresentação de metodologias, exemplos e resultados*, da Editora CRV.
